

Cadeias de Produção e Alternativas Agrícolas | Preservação Ambiental

Prêmio reconhece melhoramento em resiliência climática

Objetivo do professor premiado é formar profissionais com conhecimentos sólidos

Maria Amélia Vargas

mavargas@jcrs.com.br

Com os olhos voltados para o amanhã, o professor Luciano Carlos da Maia, do Centro de Genômica e Fitomelhoramento (CGF), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), gosta de pontuar que o foco principal do seu trabalho é a formação de profissionais “com conhecimento técnico sólido e em sintonia com as futuras demandas do campo”. O profissional foi reconhecido na categoria Cadeias de Produção e Alternativas Agrícolas.

Seus alunos têm sido treinados em trabalhos que combinam etapas de estudos de campo com melhoramento genético convencional, biologia computacional (genética quantitativa, experimentação agrícola e bioinformática) e biologia molecular (genômi-

ca, transcriptômica, proteômica e metabolômica).

“O nosso objetivo é a compreensão das redes gênicas que controlam diferentes características de importância agrícola em gramíneas como aveia, trigo, milho e, principalmente, arroz”, detalha.

Maia tem como “segundo produto resultante dos seus trabalhos e estudos” a criação de populações oriundas de cruzamentos de diferentes tipos de arroz para gerar indivíduos com maior tolerância para algumas condições ambientais que prejudicam a produtividade.

“Como resultado de nossos trabalhos, hoje já conhecemos muitas marcas no genoma do arroz (*marcadores moleculares*), os quais pretendemos que sejam utilizados em um moderno sistema de melhoramento”, explica o professor.

Ele destaca algumas condições de ambiente, como a ocorrência de temperaturas baixas no período da semeadura antecipada do arroz e a ocorrência irregular



Professor Luciano Carlos da Maia atua na UFPel

de frio no período reprodutivo do grão, que são próprias do Rio Grande do Sul. “Por outro lado, há condições extremas que se tornaram recentemente mais frequentes e têm sido associadas a mudanças climáticas”, ressalta.

Em contrapartida, explica, os eventos extremos associados às mudanças climáticas têm menor frequência de ocorrência, maior

potencial de impacto e, no seu ponto de vista, tornam mais complexa a concepção de estratégias de melhoramento para tolerar seus efeitos, pois ainda não são conhecidos os padrões.

Apesar deste obstáculo, ele acredita que é possível desenvolver plantas capazes de superar alguns níveis de estresse. Porém, o pesquisador deixa claro que o melhoramento “é um processo lento e contínuo”. Isso significa que a cada ciclo de seleção (em média, sete anos), é possível melhorar uma pequena porcentagem de uma característica.

“Existe a necessidade da criação de grupos de pesquisa e financiamento de projetos de longo prazo, para a manutenção de um processo contínuo de melhoramento”, completa.

A recente ocorrência de eventos climáticos extremos no Rio Grande do Sul, de acordo com ele, “deixa claro que diferentes espécies de importância agrícola demandam melhorias em diferentes características para tolerar problemas climáticos”.

Para quase todas as espécies agrícolas cultivadas no RS, acredita o pesquisador, os problemas concentram-se em excesso ou falta de água e calor extremos: “De maneira geral, as principais características a serem melhoradas são: tolerância ao excesso de água que provoca redução na qualidade dos grãos quando o excesso de chuva acontece próximo do período da colheita, como no caso da soja, tolerância ao alagamento ocasionado por excesso de chuvas no período após a semeadura, tolerância à seca e ao calor no período de definição da produtividade e/ou enchimento de grãos”, observa.

Maia acredita que ainda há caminho a ser percorrido.

“Temos uma lacuna de conhecimento no sentido de que ainda não foi feito um esforço multiinstitucional para caracterizar cultivares de diferentes espécies agrícolas frente a condições adversas extremas, uso eficiente de água e de adubação, entre outras, nas diferentes regiões agrícolas do RS”, afirma o especialista.

Docente lidera iniciativa de conservação da fauna silvestre

Sofia Paiva

sofiap@jcrs.com.br

Desde criança, Marcelo Meller Alievi, 50 anos, viveu cercado pela vida animal. Foi no sítio de seus avós, em Constantina, no interior do Estado, convivendo com bichos, que nasceu nele uma paixão que o acompanharia por toda a sua vida. A escolha pela Veterinária foi automática. Com o passar dos anos, o interesse voltou-se à fauna silvestre. Professor de

cirurgia da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), ele trabalha há mais de duas décadas no cuidado de animais selvagens.

Em 2004, quando se tornou professor titular na Ufrgs, Marcelo foi convidado a colaborar com o Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da Ufrgs, o Ceclimar. Junto de um grupo de alunos da graduação, começou a realizar o tratamento veterinário dos animais do Centro em uma

ação de extensão chamada Atendimento Veterinário no Ceclimar (CecliVet). Depois de alguns anos, eles já não recebiam apenas animais do local, mas também do Hospital de Clínicas Veterinárias da Ufrgs, do Ibama, de prefeituras e de zoológicos.

“Fomos recebendo novas demandas e percebemos que não éramos só o CecliVet, mas sim um núcleo de atendimento a animais silvestres que envolvia vários locais. Então, em 2010, nos tornamos o Preservas (Núcleo de Conservação e Reabilitação de Animais Silvestres)”, explica Marcelo.

Foi por meio do seu papel como criador e coordenador do Preservas e o desenvolvimento de cirurgias e reabilitações específicas para animais silvestres, que o professor tem seu trabalho reconhecido na categoria de Preservação Ambiental.

Marcelo refere-se ao prêmio como uma “injeção de ânimo”.

“Estamos muito felizes também por fazermos o que fazemos dentro de uma universidade pública. Esse não é um reconhecimento pessoal, mas coletivo”, constata.

Projeto da Ufrgs busca dar apoio à educação ambiental

A ação humana, segundo o professor de cirurgia da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e coordenador do projeto de extensão da Ufrgs Preservas (Núcleo de Conservação e Reabilitação de Animais Silvestres), Marcelo Meller Alievi, é um dos grandes responsáveis pela alta demanda de atendimento que o Núcleo possui.

“A gente sabe que boa parte desses animais são vítimas de ações humanas. Eles são atropelados, eletrocutados, brigam com animais domésticos e são recolhidos de suas áreas naturais sem necessidade.” O professor destaca que, apesar da exploração e avanço das cidades às áreas rurais ser esperado, e, consequentemente, coloque os animais selvagens em contato com os humanos, essa expansão precisa ser organizada, planejada e possua estudo de impacto, para que os efeitos negativos dessa convivência diminuam.

Outra área de atuação do Preservas é a educação ambiental. O grupo realiza palestras e ações extensionistas em sua sede ou em escolas, a fim de ensinar como se relacionar e conviver de forma saudável com a natureza. “É muito mais eficaz ensinar as pessoas a lidar com os animais do que recebê-los já machucados”, destaca.

Para o fundador do Núcleo, o primeiro grande desafio foi criar e desenvolver o setor. Agora, o objetivo é estruturar cada vez mais: aumentar espaços de cuidado com os animais, realocar a sede para um local mais isolado, construir mais viveiros e fornecer um atendimento melhor à fauna silvestre gaúcha. Marcelo é categórico: “a gente sempre quer mais”. Apesar das diversas realizações, o grau de exigência nunca diminuiu, e os olhos do professor e de seus alunos seguem voltados para o futuro - o deles, o dos animais e o da terra.



Marcelo estendeu a paixão de infância pelos animais à vida profissional